

MONTESSORI E A AUTONOMIA DA CRIANÇA: UMA LEITURA DA OBRA PEDAGOGIA CIENTÍFICA

MONTESSORI AND THE CHILD'S AUTONOMY: A READING OF THE WORK SCIENTIFIC PEDAGOGY

Beatriz Gadelha Melo¹

Eduardo Américo Pedrosa Loureiro Júnior²

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar as contribuições do método Montessori para a construção da autonomia da criança a partir da obra "Pedagogia científica: a descoberta da criança". Entende-se que a autonomia é um conceito amplamente difundido na educação e é muito utilizada no dia-a-dia da sala de aula. Em vista disso, percebe-se a importância de compreender a aplicação desse termo na perspectiva de Maria Montessori, educadora, médica e pedagoga italiana. O interesse neste tema justifica-se pelas vivências da autora como assistente de educação infantil na rede municipal de Fortaleza, que se articula com a curiosidade da mesma em aprofundar os estudos acerca do trabalho desenvolvido por Montessori. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica a fim de, primeiramente, localizar a obra da estudiosa italiana mais relevante para tratar do assunto, para em seguida realizar uma análise da mesma. Conclui-se com este estudo que a liberdade, os materiais, o ambiente e o professor são elementos abordados pela educadora italiana em seu livro, que contribuem significativamente para a construção de crianças autônomas.

Palavras-chave: Autonomia. Montessori. Liberdade. Ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

The present study aims to analyze the contributions of the Montessori method to the construction of the child's autonomy from the work "Scientific Pedagogy: the discovery of the child". in the day-to-day classroom. In view of this, the importance of understanding the application of this term from the perspective of Maria Montessori, Italian educator, physician and pedagogue is perceived. The interest in this theme is justified by the experiences of the author as a child education assistant in the municipal network of Fortaleza, which is articulated with her curiosity to deepen the studies about the work developed by Montessori. The methodology used was the bibliographical research in order to, firstly, locate the work of the most relevant to deal with the subject, to then carry out an analysis of the same. It is concluded with this study that freedom, materials, environment and teacher are elements addressed by the Italian educator in her book, which contribute significantly to the construction of autonomous children.

¹ Estudante concludente do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Ceará.

² Professor orientador do Departamento de Teoria e Prática do Ensino no curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Ceará

Keywords: Autonomy. Montessori. Freedom. Teaching-learning.

INTRODUÇÃO

Em âmbito histórico, sabe-se que a educação possui suas raízes no método tradicional de ensino, onde o aluno se apresenta como um receptor do conhecimento transmitido pelo professor e possui suas relações marcadas pelo autoritarismo. Nesse sentido, ao longo da história, houveram diversos movimentos que buscaram desconstruir essa estrutura de ensino, trazendo um olhar mais atento para o aluno e permitindo que esse tivesse mais autonomia no processo de ensino-aprendizagem.

Um dos mais importantes movimentos de renovação do ensino foi a Escola Nova, que conforme Aranha (2006, p.260), "resultou da tentativa de superar a escola tradicional excessivamente rígida, magistrocêntrica e voltada para a memorização dos conteúdos".

Nesse sentido, Maria Montessori foi uma pensadora genuína da Escola Nova enquanto movimento internacional, que nasceu em 1870 na Itália (GAUTHIER; TARDIF, 2014). O método desenvolvido pela autora teve como objetivo desconstruir a estrutura de ensino tradicional e buscou ter a autonomia como a base da aprendizagem da criança.

Desse modo, os estudos sobre construção da autonomia da criança têm destaque na educação e norteiam a prática escolar. Piaget (1992) em seu trabalho destaca a autonomia como um processo desenvolvido a partir da internalização de regras e a criança, por sua vez, quando chega ao estágio de autonomia internaliza as regras e percebe as mesmas através de um acordo mútuo. O trabalho do autor define a autonomia moral da criança e contribui para a concepção do conceito no desenvolvimento infantil.

Já Freire (1996) destaca que a escola e o trabalho docente devem estar pautados no respeito, na ética e no desenvolvimento da autonomia dos educandos. Dessa forma, ambos devem proporcionar situações de aprendizagem em que o estudante seja desafiado e estimulado a agir com autonomia, participando do seu processo de ensino e aprendizagem. Pois, para o autor o ensinar não é meramente uma transferência de conteúdo, é portanto, um processo dialógico entre professor e aluno.

Dessa forma, os documentos oficiais também norteiam as práticas pedagógicas nas escolas, percebendo a autonomia como ênfase do processo de aprendizagem. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil estabelecem que as práticas pedagógicas da Educação Infantil “possibilitem situações de aprendizagem mediadas para a elaboração da autonomia das crianças nas ações de cuidado pessoal, auto-organização, saúde e bem-estar” (BRASIL, 2010, P. 26). Com isso, pode-se observar que existe uma busca constante que visa uma educação que promova alunos autônomos.

Tendo em vista os aspectos citados, essa pesquisa busca respostas para a seguinte questão: Quais as contribuições do método Montessori para a construção da autonomia da criança?

O interesse pela questão se deu a partir da minha experiência profissional como assistente de educação infantil na rede municipal de Fortaleza, com crianças bem pequenas. Inicialmente acreditava que aquelas crianças pequenininhas seriam totalmente dependentes dos adultos para realizar as atividades básicas da rotina, porém, a partir da observação das estratégias utilizadas pelas professoras para desenvolver a autonomia das crianças, esta suposição foi sendo desconstruída.

Quanto à escolha pelo método de Maria Montessori para tratar do assunto, se deu motivada pelo fato de que ao longo da graduação senti falta de um estudo mais aprofundado em relação ao mesmo. Já possuía conhecimentos prévios acerca do mesmo antes de ingressar no curso de pedagogia, porém, esperava que na universidade o assunto com ênfase na autora fosse mais abordado pelos professores, tendo em vista sua grande contribuição para a educação de crianças pequenas. Assim, decidi utilizar o momento de conclusão da graduação em pedagogia para conhecer e analisar sua obra articulando com a autonomia da criança.

Assim, este artigo tem como objetivo analisar as contribuições do método Montessori para a construção da autonomia da criança.

Antes de iniciar a discussão, compartilharei quatro perguntas e minhas respostas, que revelam as concepções iniciais anteriores ao estudo que desenvolvi. As perguntas são: O que se entende por autonomia? Porque ela é importante para a criança? Como o professor pode contribuir para sua formação? Como ela modifica o processo de ensino e aprendizagem?

Sobre o conceito de autonomia compreendo que está muito além de ser a não dependência do outro para realizar certas tarefas, ser autônomo diz respeito a uma conquista para um bem não só individual, mas coletivo, que é construída constantemente dia após dia e que exige uma série de habilidades.

Sigo agora para a resposta da segunda pergunta, sobre a importância da autonomia. Considero que ser autônomo é uma conquista que reflete em toda a vida do sujeito, tornando-se de suma relevância ao seu desenvolvimento para que sejam capazes de fazer suas próprias escolhas, tomar atitudes e agir sem estar a serviço de autoritarismos. Além disso, a não submissão às ideias do outro, permite que os alunos desenvolvam sua criticidade e estabeleçam seus princípios e valores.

Percebendo a importância desse conceito, a terceira pergunta se detém a refletir a contribuição do professor. O papel do professor é de fundamental no desenvolvimento da autonomia do aluno na medida em que considera seus posicionamentos, dando voz e espaço para esse indivíduo. A relação professor-aluno é fundamental para que seja desconstruída a hierarquização na sala de aula, com o respeito à liberdade de movimento, de escolha e de expressão. Cabe então ao professor, possibilitar experiências e vivências com a intencionalidade de desenvolver indivíduos autônomos.

Assim, a quarta pergunta, ao que se refere ao processo de ensino e aprendizagem, penso que ao dispor de sua autonomia os alunos são livres para buscar e explorar o conhecimento conforme seus interesses, caminhando rumo a uma aprendizagem significativa. Além de permitir que o processo de ensino e aprendizagem aconteça de forma horizontal e não verticalizada.

A partir dessas reflexões e concepções iniciais, este trabalho utiliza como método a pesquisa bibliográfica, que conforme Gil (2002) é elaborada com base em material já produzido, constituído especialmente por literatura, como livros e artigos científicos.

O presente estudo encontra-se estruturado da seguinte forma: no primeiro tópico será apresentado o diário de uma leitura exploratória, a fim de rastrear a obra de Maria Montessori considerada a mais relevante para tratar de autonomia, bem como seus principais apontamentos sobre a temática. No tópico seguinte, são expostas as primeiras concepções sobre o livro “Pedagogia Científica: a descoberta da criança” de Maria Montessori, e como a autonomia da criança se apresenta no mesmo para a autora. E, no último, serão destacados da obra outros momentos em

que a autora se refere indiretamente sobre essa questão, remetendo a outras facetas que ela se utiliza para tratar do assunto.

2. DIÁRIO DE LEITURAS EXPLORATÓRIAS

Neste tópico está presente a busca pelo livro da autora Maria Montessori que dá mais ênfase à autonomia da criança. Tal investigação se deu a partir da leitura de cinco estudos já publicados, são eles os trabalhos dos autores: Cruz e Della Cruz (2019), Batista (2017), Ferreira (2021), Vilela (2014) e Montenegro (2022).

Portanto, para iniciar a discussão, destaco o trabalho de Cruz e Della Cruz (2019) intitulado “Método Montessori e a construção da autonomia da criança na educação infantil”, à respeito do que as autoras ressaltam sobre a relevância do método. Segundo Cruz e Della Cruz (2019) o trabalho de Montessori foi considerado uma inovação devido a uma nova idealização de ensino para o período histórico, dando um novo significado para os processos essenciais para educação, e aponta-os sob um novo olhar.

O professor, que antes tinha total domínio sobre o ensino e a transmissão do conhecimento, a partir das revoluções trazidas pela Escola Nova, e principalmente pelo método Montessori, deixa de ter o papel principal no processo de ensino e aprendizagem, com a finalidade de conhecer a criança, compreendê-la, permitindo que ela seja representada no ambiente educacional.

Conforme as autoras Cruz e Della Cruz (2019), a educadora italiana Maria Montessori, em sua obra “Pedagogia científica: a descoberta da criança”, indica algumas observações a fim de explicar suas ideias para os conservadores da educação tradicional, que contestavam o comportamento disciplinado dos alunos. A partir dessa obra, as autoras destacam o olhar de Montessori para o conhecimento do ambiente e do corpo como ferramenta fundamental para o desenvolvimento da autonomia infantil. Destacam também, a relevância da independência da criança para a autora e a construção de ambientes educativos que buscam desenvolver a autonomia.

As autoras se utilizam da obra citada para ressaltar a importância de um ambiente preparado, que ajude as crianças a desenvolver suas potencialidades, além de materiais que contribuem para a “vida prática” e para o desenvolvimento. Segundo Cruz e Della Cruz (2019), diversas atividades propostas pelo Método

Montessori fortalecem a autonomia física e/ou cognitiva da criança, pois abrange propostas de trabalho diversificadas, possibilitando que a criança se desenvolva em vários sentidos.

Para análise do assunto, também fiz a escolha da obra intitulada “Educação infantil e autonomia: uma perspectiva montessoriana para reconhecimento das infâncias” da autora Batista (2017), pela sua abordagem sobre os pensamentos de Montessori.

Mediante análise e leitura do estudo realizado por Batista (2017), foi observado que a mesma se utiliza de um livro publicado em 2010 pelo Ministério da Educação (MEC) em cooperação com a UNESCO para tratar de autonomia na educação infantil na perspectiva de Maria Montessori. O livro por ela utilizado se chama “Maria Montessori” e faz parte da coleção Educadores. A coleção, de domínio público, foi lançada durante a celebração dos 80 anos de criação do Ministério da Educação e teve o propósito de organizar um conjunto de livros sobre educadores e pensadores da educação.

Para construção desse material foi produzida uma antologia de textos de Montessori a partir de duas obras apontadas como as mais relevantes no acervo de seus escritos. São elas: “Pedagogia científica: a descoberta da criança” e “A criança” (ROHRS, 2010, p. 51). Assim sendo, é notória a relevância dessas duas obras para a compreensão do pensamento de Montessori.

Por sua vez, Batista (2017) aponta que o trabalho desenvolvido por Montessori possui o intuito de fortalecer habilidades cotidianas para que as crianças conseguissem desempenhar sozinhas atividades como vestir-se, comer e fazer sua própria higiene. Suas propostas abrangem liberdade, disciplina e responsabilidade com o objetivo de que a criança seja dona de si, tenha autocontrole e auto-educação.

Um outro trabalho que contribui para a discussão, é o de Ferreira (2021) em sua tese intitulada “A promoção do desenvolvimento da autonomia da criança dos 3 aos 6 anos no contexto de três modelos pedagógicos”, neste trabalho é feito a comparação do desenvolvimento da autonomia do trabalho de Montessori com mais dois modelos de educação, os quais não são objetivos deste trabalho, portanto destaco apenas o que a autora reflete sobre a obra de Montessori.

E, no entanto, na perspectiva de Ferreira (2021), para compreender todo o trabalho que Montessori desenvolveu no decorrer de mais de 50 anos é necessário

explorar as diversas publicações, em que a mesma destrincha todo o seu estudo sobre o desenvolvimento da criança e do homem. Entre suas publicações estão “A Criança”, “A educação e a paz”, “Mente absorvente”, “Para educar o potencial humano” e “Pedagogia científica: a descoberta da crianças”, todas utilizadas para embasar seu estudo acerca do desenvolvimento da autonomia no modelo Montessori.

No entendimento de Ferreira (2021), para Montessori a posição do adulto é um dos princípios mais importantes a ser trabalhado, para se relacionar com crianças. Assim, ao destacar que o adulto deveria ter uma postura de observador, Ferreira (2021) considera isso como um dos elementos centrais do método da educadora, na medida em que também contribui para a construção da autonomia da criança.

Além disso, é fundamental que o meio esteja apto para o desenvolvimento da autoconfiança da criança, sua independência e adaptação. Por isso, a educadora italiana desenvolveu um conjunto de materiais específicos para que a criança os consiga manipular e vá se autoeducando. Nota-se então, que as estratégias de tornar o adulto e o ambiente preparados para colaborar com a independência/autonomia das crianças foi um marco do trabalho desenvolvido pela educadora.

Além de abordar a questão do adulto e do ambiente preparado, Montessori menciona outros princípios em seu método, como a inutilidade dos prêmios e dos castigos, a exploração do silêncio voluntário das crianças e a autodisciplina (FERREIRA, 2021).

Vilela (2014) com seus estudos a partir do livro “Maria Montessori” publicado pelo MEC em 2010 também contribui para nossa discussão à medida que ressalta que diferente dos educadores da pedagogia tradicional, Montessori se preocupou em desenvolver o material didático que seria utilizado, e deixava a escolha desses materiais de estudo a cargo das próprias crianças.

Podemos destacar a partir dos trabalhos do autor que a educadora não impõe esses materiais de estudo para o aluno, mas possibilita sua escolha e interesse particular. Esses materiais didáticos possuíam a missão de colaborar com a elevação do senso de responsabilidade da criança e ajudar a desenvolver atitudes, ao invés de simples competências. Dessa forma, os materiais didáticos desenvolvidos por ela buscavam proporcionar sustentação ao seu método.

Além disso, Vilela (2014) destaca algumas palavras-chaves que são necessárias para interpretar o trabalho de Montessori: liberdade, atividade, independência, autonomia e responsabilidade. Com isso, tomamos como evidência para esse trabalho a palavra autonomia, destacada por ele, que exerce um relevante papel na educação da criança.

Quanto às contribuições de Montenegro (2022) em “O desenvolvimento e a autonomia na infância na perspectiva da pedagogia Montessori”, a mesma também se utiliza de duas publicações da autora, a fim de fundamentar suas ideias, sendo elas: “A descoberta da criança: pedagogia científica” e “Mente absorvente”.

Portanto, por fundamentar e trazer os principais apontamentos para a maioria dos estudos até aqui analisados sobre autonomia na perspectiva de Maria Montessori, consideramos neste artigo que a obra “A pedagogia científica: a descoberta da criança” é a mais relevante para tratar das contribuições do método Montessori para a construção da autonomia da criança. Sendo assim, a seguir serão apontadas as principais impressões em contato direto com o livro.

3. PEDAGOGIA CIENTÍFICA: O PRIMEIRO CONTATO COM A OBRA DE MONTESSORI

Neste tópico serão relatadas as primeiras impressões sobre a obra “Pedagogia científica: a descoberta da criança” com o objetivo de definir o que é a pedagogia científica e os principais apontamentos de Montessori quando se refere à concepção de autonomia. Assim, este tópico está subdividido em dois subtópicos à saber: “O espírito cientista” e “Autonomia e Montessori”.

3.1. O espírito cientista

Inicialmente, julgo necessário destacar o que se entende por uma “pedagogia científica” conforme a autora, visto que esse é o título principal de seu livro.

Em seus escritos, Montessori sustenta a necessidade de desenvolver no educador o “espírito cientista”, e define que “cientista não é, pois, aquele que maneja os instrumentos, mas o que conhece a natureza” (1965, p.12). Sendo assim, o “espírito cientista” está para além dos mecanismos por este utilizados, é cientista aquele que, fascinado pelos mistérios da natureza, realiza observações e

experiências a fim de desvendar as verdades. Similarmente, a autora acreditava que seria necessário desenvolver no educador esse desejo e atração pelos fenômenos naturais, porém, diferente do cientista, este estaria designado em sua função a observar o homem no desabrochar da sua vida intelectual.

Além disso, tal observação do homem permite que se estabeleçam laços íntimos entre o observador e o observado, característica esta que não está presente na observação do cientista para com a natureza. É portanto, por meio da observação da natureza, ou seja, dos educandos, que o educador aprenderá os meios e direções para a sua devida educação; isto é, aprenderá com o aluno a aperfeiçoar-se como educador (MONTESSORI, 1965). Sendo assim, trata-se em direcionar o olhar do professor para a criança, se colocando em segundo plano para que ela possa ser vista como o elemento principal do estudo.

No entanto, a educadora italiana destaca que não basta que somente o educador desenvolva o “espírito cientista”, é preciso que a escola possibilite o livre desenvolvimento da ação da criança. Não há possibilidades de uma pedagogia voltada para a observação, se os seres a serem observados se encontram em constante repressão de suas espontaneidade. Assim, no que se refere ao livre desenvolvimento do educando, podemos tomar o conceito de liberdade como uma das faces que a autora utiliza para tratar de autonomia. Sendo liberdade “a libertação da vida reprimida por infinitos obstáculos que se opõem ao seu desenvolvimento harmônico, orgânico e espiritual” (MONTESSORI, 1965, p.16). Eis um conceito que voltaremos a tratar mais adiante, neste estudo.

Montessori (1965) acreditava que para instituir o método, por ela denominado de pedagogia científica, era essencial que o preparo dos educadores fosse coexistente com a transformação da escola. Logo, podemos observar de onde surge sua preocupação com o adulto e o ambiente preparado, uma vez que não seria eficaz um professor habilitado para observação em um ambiente que não possibilitasse as ações previstas para promover a educação autônoma das crianças.

Além disso, vale ressaltar que, diferente dos demais escolanovistas que somente apontavam os problemas educacionais da época, ela se preocupou em transformar efetivamente o método de educação do seu tempo, pois acreditava que:

Enquanto a ciência se limitasse a “conhecer melhor” as crianças sem praticamente livrá-las dos inúmeros males que havia descoberto nas escolas comuns e nos antigos métodos de educação, não seria legítimo

proclamar a existência de uma *pedagogia científica*. (MONTESSORI, 1965, p. 40)

Em vista disso, percebe-se que Montessori (1965), assim como os demais pensadores da escola nova, buscava direcionar o olhar para a criança e reconheceu as falhas das escolas tradicionais, porém, acreditava que até então não havia nenhum outro método para de fato transformar os erros encontrados no sistema educacional da época.

Ademais, neste primeiro contato com a obra da autora, destaco que é nítido que a autora, por ser médica, carrega bastante influência da medicina e das ciências biológicas, utilizando-as para fazer comparações e embasar alguns de seus pensamentos. Pode-se também perceber a espiritualidade bastante presente em sua obra, chegando até a citar escritos bíblicos.

3.2 Autonomia para Montessori

Em busca de destacar o que representa autonomia para a estudiosa, foi observado que nesta obra, em apenas um único momento a autora se utiliza diretamente a palavra autonomia, quando a mesma considera que “realmente é difícil admitir que a vida, com todos os seus fenômenos, tem a sua autonomia, e que para estudá-los, intuir-lhes os segredos, é necessário observá-la, sem interferir” (MONTESSORI, 1965, p. 46).

De fato, aceitar que a vida, ou melhor, a criança tem a capacidade de agir autonomamente talvez seja a maior dificuldade para aqueles adultos que tiveram suas vidas permeadas pelo modelo tradicional de ensino. Em outras palavras, se colocar em segundo plano e possibilitar espaço para que a criança se desenvolva sem fazer interferências inúteis, se apresenta como uma incumbência bastante árdua para a maioria dos professores.

Devo admitir que o fato da educadora utilizar apenas uma única vez a palavra central deste estudo em sua obra me surpreendeu bastante, uma vez que esperava encontrá-la mais vezes no decorrer de seus escritos, por ter sido a obra mais referenciada para abordar o assunto. Porém, é notório que Montessori (1965) emprega diversas vezes a palavra "independência" para tratar da questão.

A autora reconhece que promover a independência da criança não é uma tarefa tão simples quanto parece, visto que “as próprias características da

impotência entre as quais nasce a criança, sua qualidade de indivíduo particular, criam-lhe dependências que limitam sua atividade” (MONTESSORI, 1965, p. 51). De fato, nos primeiros momentos de vida, a criança depende consideravelmente da figura materna para sobreviver no mundo.

Contudo, ao passar dos anos, essa dependência tende a diminuir com o desenvolvimento da criança, e por isso a autora acreditava que a criança, na “idade de três anos, já poderia, em grande parte, tornar-se independente e livre” (MONTESSORI, 1965, p. 52). Porém, essa visão de criança impotente continua a permear as ações de muitos adultos, para além da “dependência básica” dos primeiros anos de vida, que a todo momento limitam as ações dos pequenos.

Diante disso, a estudiosa faz uma crítica à sociedade servil em que vivemos, na qual constantemente nos encontramos dependentes do serviço de terceiros para realizar tarefas da vida prática, e destaca que:

O povo que tolera a servidão e julga avantajado o homem servido por outro homem, acha-se imbuído do instinto de servilismo; efetivamente, muito facilmente nos precipitamos para servir, crendo fazer um ato de cortesia, gentileza ou bondade. (MONTESSORI, 1965, p. 52)

Sendo assim, podemos perceber que essa atitude de servidão e busca constante por “ajudar” as crianças em suas atividades está enraizada na nossa sociedade, que considera isso um ato de generosidade. Não raro, encontramos professoras em creches e pré-escolas vestindo e alimentando as crianças sem permitir que estas desenvolvam o mínimo de ação enquanto isso. Tais atitudes são vistas pelos adultos na maioria das vezes como uma simples ajuda. Até mesmo pela pressa, acabam não tendo paciência de esperar pelo tempo que a criança levaria se realizasse sozinha. Quanto a isso, a estudiosa pondera que “quem é servido, em vez de ser ajudado, está em certo sentido, lesado em sua independência” (MONTESSORI 1965, p. 52). Assim, conseqüentemente, toda essa ajuda dispensável do adulto é um fator que impede que a criança se desenvolva rumo à independência.

Conforme Montessori (1965, p. 53),

Para ser eficaz, uma atividade pedagógica deve consistir em ajudar as crianças a avançar no caminho da independência; assim compreendida, esta ação consiste em iniciá-la nas primeiras formas de atividade, ensinando-as a serem auto-suficientes e a não incomodar os outros.

Ajudá-las a aprender a caminhar, a correr, subir e descer escadas, apanhar objetos do chão, vestir-se e pentear-se, lavar-se, falar indicando claramente as próprias necessidades, procurar realizar a satisfação de seus desejos: eis o que é uma educação na independência (MONTESSORI, 1965, p.53).

A educadora adota uma postura radical perante a autonomia, ao sugerir que a atividade pedagógica caminhe rumo à autossuficiência da criança. Podemos observar que, nesse sentido, a estudiosa trata diretamente da autonomia no sentido de vida prática, ou seja, da capacidade de realizar as próprias tarefas e atividades sem ajuda de terceiros. Desse modo, possibilitar que os educandos satisfaçam seus desejos e necessidades por conta própria é oferecer a eles o mínimo de dignidade.

Visto isso, ainda assim muitos educadores em pleno século XXI continuam criando barreiras quando o assunto é ensinar para a independência. Isso se deve ao fato de que, “ensinar uma criança a comer, lavar-se, vestir-se, é um trabalho muito mais longo e difícil, que requer muito mais paciência que alimentá-la, lavá-la e vesti-la” (MONTESSORI, 1965, p. 53).

Atualmente, mais do que nunca, não podemos negar que estamos vivendo em uma sociedade onde a impaciência e a pressa já se tornaram algo comum na vida das pessoas, em que as mesmas estão imersas em um padrão veloz imposto pelo mundo digital. Tal vontade constante em acelerar os processos reflete diretamente no tempo oferecido para que a criança desenvolva sua autonomia, exigindo dos adultos constante paciência.

Como se não bastasse, a autora também aponta que essas barreiras impostas pelos adultos podem promover consequências para o futuro da criança, uma vez que “uma pessoa que se faz servir com frequência não somente vive em dependência, mas definha na inação e acaba por perder a sua atividade natural.” (MONTESSORI, 1965, p. 53). Logo, a criança tenderá se tornar um adulto em que essas funções naturais deixam de existir, dando espaço à inatividade.

Além disso, “o perigo não reside somente numa espécie de inútil combustão para a vida que gera a preguiça, mas no desenvolvimento de reações de tirania” (MONTESSORI, 1965, p. 54). O sentimento de superioridade permite que os indivíduos acreditem que seus “inferiores” possuem a obrigatoriedade em lhes servir, gerando assim condutas de opressão.

Não é à toa que seu método de ensino é considerado uma ajuda à vida. Nota-se que a autora se preocupava em permitir à criança desfrutar de sua liberdade para desenvolver a autonomia, com o objetivo de “formar homens valorosos para as

gerações futuras; isto é: homens independentes e livres” (MONTESSORI, 1965, p.54). Afinal, como professores, buscamos constantemente em nossa prática contribuir para a transformação da sociedade, formando homens e mulheres melhores.

4. OUTRAS FACETAS DE AUTONOMIA DESTACADAS DA OBRA

Neste tópico serão abordados outros momentos em que a autora se refere indiretamente às concepções de autonomia. Assim, o mesmo se encontra subdividido em três sub tópicos, a saber: “Liberdade e disciplina”, “Recompensas e castigos” e “Os materiais e o professor no processo de aprendizagem da criança”.

4.1 Liberdade e disciplina

Mencionando brevemente no sub tópico anterior intitulado “*espírito científica*”, o conceito de liberdade da criança é outro ponto discutido por Montessori (1965) no livro “Pedagogia científica: descoberta da criança”.

Segundo a autora, o método de observação deve se sustentar na liberdade de expressão, em um ambiente que permita a atividade espontânea da criança (MONTESSORI, 1965). Eis aqui, mais uma forma de permitir que a criança se desenvolva, mediante sua liberdade e espontaneidade. Quanto a isso, a pensadora se preocupou em esclarecer que:

Quando falamos da "liberdade" da criança pequena, não nos referimos aos atos externos desordenados que as crianças, abandonadas a si mesmas, realizariam como evasão de uma atividade qualquer, mas damos a esta palavra "liberdade" um sentido profundo: trata-se de "libertar" a criança de obstáculos que impedem o desenvolvimento normal de sua vida. (MONTESSORI, 1965, p. 57).

Ou seja, não se trata de deixar a criança desamparada, mas sim em permitir que a mesma se liberte e se desenvolva em sua naturalidade, sem empecilhos e barreiras impostos por adultos. É notório que esse ainda é um desafio da nossa sociedade, e principalmente das nossas escolas, que por ter enraizado uma pedagogia tradicional de ensino, necessita constantemente controlar as ações dos alunos.

A educadora também se preocupou em adaptar os móveis, em tamanho e peso proporcional para a criança, permitindo que essas tivessem liberdade de movimento no ambiente:

As mesas, as cadeiras, as pequenas poltronas, leves e transportáveis, permitirão à criança escolher uma posição que lhe agrada. Ela poderá por conseguinte, instalar-se comodamente, sentar-se em seu lugar: isto lhe constituirá, simultaneamente, um sinal de liberdade e um meio de educação (MONTESSORI, 1965, p. 44).

A fim de tornar o ambiente mais acessível, não só as mesas e cadeiras, mas toda a mobília pensada pela educadora permite que a criança alcance o que deseja, como por exemplo, livros e pertences em uma estante sem que precise constantemente do auxílio de um adulto, fortalecendo assim sua autoconfiança e liberdade.

Visto isso, no que se refere à educação infantil nos dias atuais, percebe-se que essas adaptações dos móveis é observável em algumas realidades. Por exemplo, em minha experiência profissional na Prefeitura de Fortaleza percebi que no Centro de Educação Infantil o qual trabalhei os móveis eram acessíveis em minha sala e nas demais salas da instituição.

Entretanto, mesmo com a acessibilidade dos móveis, é possível que em certas realidades a liberdade da criança no ambiente seja impedida por figuras autoritárias, que relacionam isso a desordem e falta de disciplina. Quanto a isso, autora considera que:

Não é disciplinado o indivíduo que se conserva artificialmente silencioso e imóvel como um paralisado. Indivíduos assim são aniquilados, não disciplinados. Disciplinados, segundo nossa concepção, é o indivíduo que é senhor de si mesmo, e, em decorrência, pode dispor de si ou seguir uma regra de vida (MONTESSORI, 1965, p. 45).

Portanto, a criança disciplinada não é a que se mantém inerte, mas sim a que é segura em suas ações. A autora nomeia tal como “disciplina ativa”, cujo objetivo é “disciplinar a atividade, e não imobilizar a criança ou torná-la passiva” (MONTESSORI, 1965, p. 50). Ou seja, a disciplina deve partir da própria ação da criança.

Logo, não significa que o professor não deva barrar possíveis comportamentos inadequados que prejudicam a convivência entre as crianças e o seu aprendizado. Para que isso seja possível, Montessori (1965, p. 45) ressalta que nós, como adultos, devemos “interditar à criança tudo o que pode ofender ou

prejudicar o próximo, bem como todo gesto grosseiro ou menos decoroso”. Assim, a liberdade da criança necessita ter como limite o bem coletivo.

3.2. *Recompensas e castigos*

A educadora também faz uma crítica às recompensas e castigos aplicados como forma de disciplinar as crianças. Para Montessori, tais atitudes servem para “coagir as crianças a seguirem as leis do mundo” (1965, p.20). Logo, tal conduta de nada contribui para a construção da autonomia, uma vez que o indivíduo passa a se submeter ao que é imposto por aquele que considera superior a ele. Dessa forma, ora estará agindo em busca de gratificação, ora agindo por medo, e nunca por vontade própria.

Implantar tal política de recompensas e castigos para educar crianças, além de manipular suas ações e não contribuir para construção de sua autonomia, pode trazer sérias consequências para sua vida adulta e profissional, uma vez que:

Um jovem estudante poderá tornar-se grande médico se for levado ao estudo por vocação: mas se estuda apenas para obter vantagens materiais, jamais será verdadeiro mestre, e o mundo não se beneficiará de nenhum progresso por sua obra. (MONTESSORI, 1965, p. 22)

Um exemplo prático dessa cultura de recompensa é quando comumente perguntamos às crianças, ao longo de sua vida escolar, qual profissão desejam atuar no futuro, e esperamos respostas de profissões de alto retorno financeiro. Em minha experiência pessoal, diversas vezes me deparei com essa pergunta na infância e, em todas elas, quando afirmava que gostaria de me tornar professora, me deparava com expressões como: “Mas essa profissão não paga bem!”.

É notório como essa busca por recompensas está enraizada em nossa sociedade, sendo passada de maneira sutil para as crianças, enquanto interfere diretamente na autonomia e liberdade de escolha por uma profissão.

Quanto às punições, a estudiosa reconhece sua função social perante a Lei, porém ressalta que não devemos ser “honestos somente por temor ao código, mas porque compreendemos que assim devemos proceder” (MONTESSORI, 1965, p. 23).

Sendo assim, recompensas e castigos se apresentam como fatores motivacionais externos que não se relacionam com a internalização da criança. Ou

seja, a motivação que leva uma criança a tomar ou não a atitude “correta” deve partir do seu interior.

3.3 Os materiais e o professor no processo de aprendizagem da criança

A educadora desenvolve em seu método dois tipos de materiais que sustentam o processo de aprendizagem da criança, sendo eles categorizados em materiais de vida prática e de desenvolvimento. O primeiro consiste em objetos que permitem a realização de exercícios presentes da vida cotidiana, como tarefas domésticas e autocuidado, enquanto o segundo, integra todos aqueles materiais elaborados para a conquista de conhecimento em si. Ambos expostos de maneira acessível para que a criança possa escolher qual deseja realizar, em qual local e podendo repetir várias vezes o mesmo exercício até que se alcance determinado fim.

Diferente dos materiais didáticos comuns, que se apresentam como um auxílio à prática do professor, os propostos por Montessori (1965, p. 143) se mostram como “uma radical transferência da atividade que antes existia na mestra”. Dessa maneira, o próprio objeto em si permite a autoeducação.

De acordo com a educadora italiana, os exercícios de vida prática consistiam em:

certos quadrados que ensinam a abotoar, a dar laços, fazer nós, etc.; lavabos para as mãos; panos para limpar o pavimento; vassouras e espanadores para tirar o pó; escovas várias para limpar os sapatos ou os vestidos: objetos estes que “convidam” a agir, a realizar um verdadeiro trabalho, orientado para uma finalidade real e fácil de atingir. (MONTESSORI, 1965, p. 58)

Por meio destes, as crianças adquirem habilidades para desenvolver atividades reais presentes no dia a dia, elevando sua confiança em si mesmo. Sendo assim, tais exercícios se apresentam como uma educação para além da sala de aula, que contribui efetivamente na vida e independência do aluno.

Quanto aos materiais de desenvolvimento, a educadora sustenta que são “necessários ao desenvolvimento gradativo da inteligência e aquisição da cultura: trata-se de sistemas combinados para a educação dos sentidos, para o ensino do alfabeto, números, escrita, leitura e aritmética” (MONTESSORI, 1965, p. 59). Referem-se então aos conteúdos por área de conhecimento, que também se

apresentam através de materiais desenvolvidos pela estudiosa. Um exemplo destes, seriam os materiais de desenvolvimento destinados à educação sensorial, compostos por diversos objetos agrupados conforme uma determinada característica, como:

um grupo de sininhos que dão tons musicais; um conjunto de tabuinhas de variadas cores; um conjunto de sólidos que tenham a mesma forma, mas de dimensões graduadas; outros objetos que se diferenciam entre si pela sua forma geométrica, e outros, ainda, de tamanho igual e pesos diferentes, etc., etc. (MONTESSORI, 1965, p. 103)

Tais materiais permitem que a criança desenvolva o raciocínio, os sentidos, a capacidade de associação e diferenciação, dentre outros. Visto isso, o controle de erro durante o manuseio da atividade fica a encargo dos próprios materiais, isto é, mesmo que a criança não consiga desenvolvê-los na primeira tentativa, o erro cometido por ela tende a ser evidenciado pelo próprio objeto, que não possibilita o avanço do mesmo fazendo então com que o próprio educando o perceba e volte para aperfeiçoá-lo. Logo, o material de desenvolvimento toma o lugar do ensino verbal; integra o controle de erro e permite que a criança se eduque mediante suas próprias iniciativas. O professor, assim, torna-se um guia da atividade espontânea.

Desse modo, cabe ao professor realizar inicialmente uma apresentação do material, demonstrando seu uso adequado para a criança e, após isso, deixar que ela desenvolva livremente a atividade de seu interesse. No entendimento da educadora, o professor:

representa, antes de tudo, uma mediação entre esse material e a criança. É um dever simples, modesto e, entretanto, bem mais sutil que nos sistemas antigos, em que era o material, ele mesmo, o mediador da correspondência intelectual entre “a mestra”, que transmite suas ideias, e a criança que as recebe. (MONTESSORI, 1965, p. 144)

Em vista disso, o professor adota um papel de mediador entre a criança e o material, interferindo somente quando o aluno manipula os objetos de forma desordenada fugindo do seu foco principal, que é a aprendizagem. Tais materiais por sua vez são selecionados pela própria criança conforme seu interesse. Nesse sentido, a escolha do aluno por determinado exercício deverá ser motivada pelo seu próprio eu e não pelo desejo do educador (MONTESSORI, 1965). São, portanto, materiais que permitem a autoeducação da criança, na medida em que desenvolvem seu raciocínio, sem que o professor necessite apontar erros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, considero de fato que, na obra “Pedagogia científica: a descoberta da criança”, a autora apresenta de maneira bastante explicativa seu método para todos aqueles que se propõe a conhecê-lo melhor. O contato com a mesma, possibilitou um olhar mais profundo acerca dos conhecimentos prévios que eu já possuía.

Sendo assim, inicialmente pensamos em quatro concepções apresentadas por meio de perguntas, sendo elas: O que se entende por autonomia? Porque ela é importante para a criança? Como o professor pode contribuir para sua formação? Como ela modifica o processo de ensino e aprendizagem? Com a reflexão deste estudo, podemos perceber que as respostas foram aprimoradas, pois, incorporando novos conceitos.

Dessa forma, no que se refere ao conceito de autonomia da criança, a mesma pode ser entendida como a liberdade de desenvolvimento e ação do indivíduo, em que há um conjunto de fatores como a organização do espaço e a mediação do professor, que possibilita a criança pensar, tomar decisões e reorganizar suas ações. A ênfase do pensamento Montessoriano reflete sobre isso de maneira a afirmar que, ao auxiliar constantemente uma criança naquilo que ela é completamente capaz de fazer, podemos atrapalhar o seu processo de aprendizagem.

Assim, a conquista da autonomia é importante pois reflete diretamente na vida do indivíduo e possibilita a construção de uma sociedade mais livre em suas escolhas. O aluno que dispõe dessa constrói sua autoestima e acredita em si diante da resolução de problemas.

Neste percurso, o professor pode contribuir de forma significativa. Não somente preparando o ambiente, mas também desenvolvendo habilidades de observação, com paciência e respeito pelos fenômenos naturais da criança. Assim, com observação e paciência do tempo da criança, o educador pode contribuir para a construção da sua autonomia, intervindo somente quando necessário e oportunizando que ela aja por si mesmo.

Neste sentido, a autonomia modifica o processo de ensino aprendizagem ao passo em que estabelece relações horizontais entre o professor e a criança, e permite que o aluno em contato direto com os materiais didáticos, utilize de sua

liberdade e interesse pessoal para desenvolver o conhecimento, sem que ele seja imposto.

Dessa maneira, este estudo teve como objetivo analisar as contribuições do método Montessori para a construção da autonomia da criança. Com isso, mediante análise da obra da própria autora, considero que suas ideias foram inovadoras não só para sua época, mas também permanecem sendo revolucionárias nos dias atuais.

Portanto, seu método contribuiu para a construção de uma perspectiva, que coloca a criança como sujeito ativo do seu processo educativo, possibilitando sua auto educação a partir de materiais pensados por ela, como os de vida prática e de desenvolvimento.

A estudiosa italiana também se preocupou em preparar um ambiente que permitisse a liberdade da criança na sua espontaneidade, e desconstruiu a ideia de disciplina imposta verticalmente para o aluno, que ainda perpetua na nossa sociedade. De fato, todas essas contribuições se apresentam como elementos essenciais para a conquista da autonomia da criança, cabendo a nós educadores estar sempre atentos, a fim de garantir esse direito básico aos nossos alunos.

Portanto, tal estudo contribuiu bastante para minhas convicções acerca da construção da autonomia da criança. Anterior a isto, julgava que tal conquista demandava prioritariamente de um esforço do educador em possibilitar seu desenvolvimento, porém, após me apropriar das contribuições dos escritos de Maria Montessori, considero que de fato o ambiente é tão importante quando o educador nesse processo. Não basta um esforço unilateral, mas sim de ambas as partes que possuem um papel importantíssimo, como foi analisado ao longo dessa pesquisa. Além disso, é essencial entender que, por mais que o método desenvolvido pela educadora tenha em vista a conquista da autonomia da criança, essa não exclui a autoridade do professor como uma ajuda à criança em momentos de desequilíbrio.

Para finalizar, a partir desse estudo foram alcançados vários resultados relevantes acerca da autonomia da criança, que sugere a necessidade de oportunizar aos pedagogos em formação um conhecimento mais aprofundado sobre o método desenvolvido por Maria Montessori, através de cursos de extensão, rodas de conversa, e outros que possam surgir.

Referências bibliográficas

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação e da pedagogia: geral e Brasil**. 3 ed. São Paulo: Moderno, 2006. 384 p.

BATISTA, Luísa Lopes. **Educação infantil e autonomia: uma perspectiva montessoriana para reconhecimento das infâncias**. 2017.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 2010.

CRUZ, Viviane Edna; DELLA CRUZ, Gisele Thiel. O método Montessori e a construção da autonomia da criança na educação infantil. **Caderno Intersaberes**, v. 8, n. 15, 2019.

FERREIRA, Andreia. **A promoção do desenvolvimento da autonomia da criança dos 3 aos 6 anos no contexto de três modelos pedagógicos: Montessori, High Scope e Movimento da escola Moderna**. 2021 f. Dissertação (Mestrado em Educação Pré-escolar) - Instituto Superior de Educação e Ciências Escola de Educação e Desenvolvimento Humano. ISEC - Lisboa, 2021. Disponível em: <<https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/39352/1/Andreia%20Ferreira.pdf>> Acesso em: 26/10/2022

FREIRE, Paulo . **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAUTHIER, Clermot e TARDIF, Maurice. **A pedagogia: teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MONTENEGRO, Carolina Silva. **O desenvolvimento e a autonomia na infância na perspectiva da pedagogia Montessori**. 2022.

MONTESSORI, Maria. **Pedagogia científica: a descoberta da criança**. São Paulo: Flamboyant, 1965. Tradução de: Aury Azélio Brunetti.

PIAGET, J. **Julgamento moral em crianças**. Paris: PUF, 1992.

ROHRS, Hermann. Maria Montessori. Trad.: Danilo Di Manno de Almeida; Maria Leila Alves. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Editora Massangana, 2010. 142 p.: il.

VILELA, Silvio Henrique. Maria Montessori: O caminho dos sentidos. **Revista Teias**, v. 15, n. 38, p. 32-46, 2014.